



OLIVEIRA, Frederico Ramos. Gnoseologia e propriedades emergentes na ação psicofísica do ator. Rio de Janeiro, 2012, pesquisador autônomo, ator, professor, produtor digital e livre pensador.

gnoseologia ator ação psicofísica propriedades emergentes

A ação psicofísica é tratada aqui como fenômeno emergente da cultura, que é percebida como complexificação do mundo biológico, esse sendo algo que emerge na codificação de interações químicas, que são resultado da realidade física. Reconhecendo a continuidade e o encadeamento nas propriedades físicas, químicas e biológicas, o fenômeno cênico-cultural é concebido como sequência natural dessa cadeia. A ação psicofísica é caracterizada como antrópica, psíquica e simbólica, o que configura a distinção e a conexão das realidades físicas e psíquicas nesse tipo de acionamento. Equivalências são detectadas nos estados transitórios, como a codificação, encontrada nas propriedades emergentes do mundo químico para o biológico (memória genética) e desse para o cultural (memória memética) retroagindo na realidade que a originou. Verifica-se um 'psicorpo' de ator no final dessa história da natureza conhecida. Numa segunda via, explorou-se a alegação de que há um hiato entre os estudos da cultura e as ciências da natureza, observando também a diversidade de conhecimentos cênicos que teimam em não caber nas categorizações científicas.

gnoseology actor action psychophysical emergent properties

The psychophysical action is treated here as a phenomenon of culture that is perceived complexity of the biological world, this is something that emerges in the encoding of chemical interactions, which are the result of physical reality. Recognizing the continuity and encadeamento physical properties, chemical and biological, scenic and cultural phenomenon is conceived as the natural sequence of this chain. The action is characterized as anthropogenic psychophysical, psychological and symbolic, which sets up the distinction and connection of physical and psychological realities that drive type. Equivalences are detected in the transient states, such as encryption, found in the emergent properties of the chemical world to the biological (genetic memory) and that for the cultural (memetic memory) that the retroactive actually originated. There is 'psibody' actor at the end of the story of nature known. In a second route, explored the claim that there is a gap between studies of culture and the natural sciences, noting also the diversity of knowledge scenic who insist on not fit into the scientific categorization.

“Artistas são seres que provaram o néctar da vida naquele momento de cristal quando derramaram o seu espírito criativo e tocaram no coração do outro. Nesse instante, eles estão mais próximos da magia, de Deus e da perfeição do que qualquer um poderia estar.”

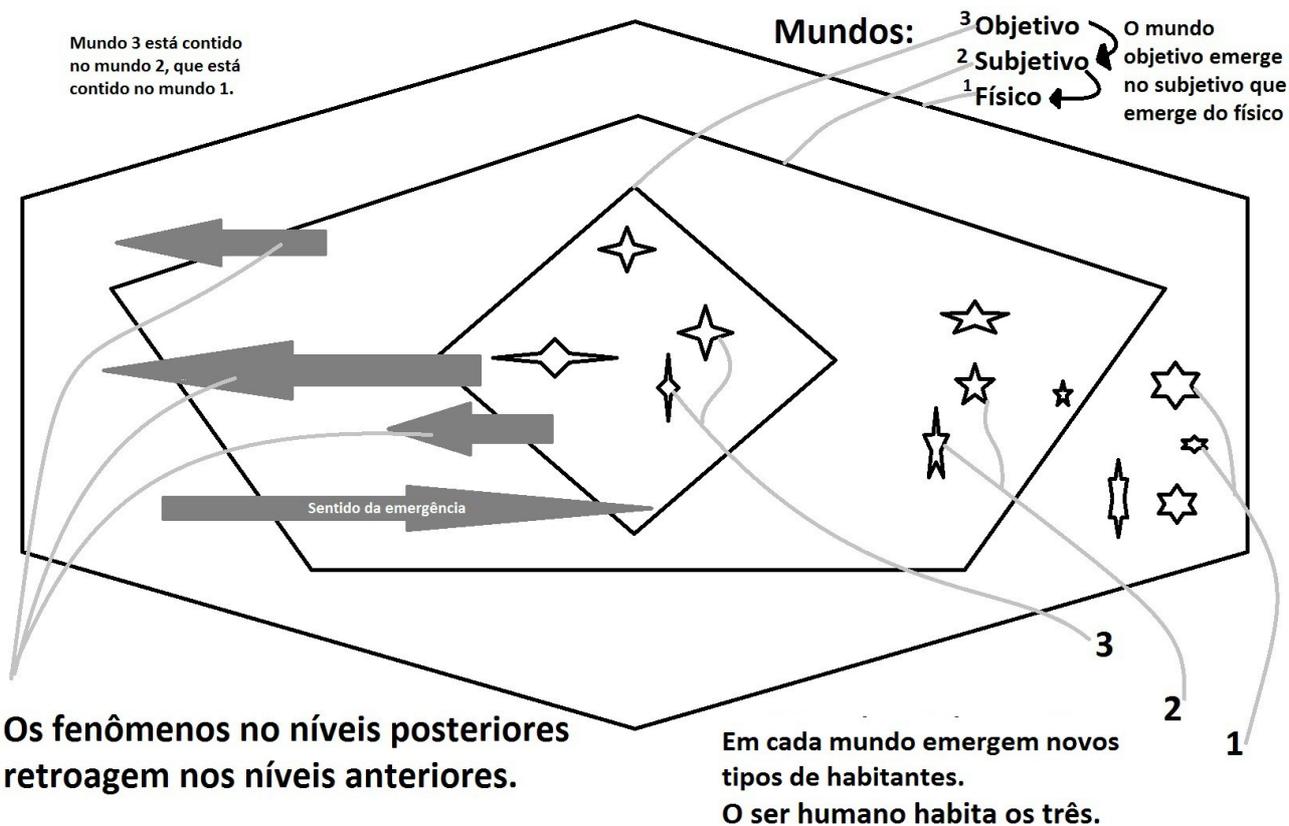
David Ackert

A [ementa do GT Etnocenologia](#) descreve uma abordagem na “interseção dos vastos campos do conhecimento das ciências e das artes, as teorias e as práticas dos espetáculos e a criação e a crítica.” A disciplina foi parida no final do século XX, já incorporando as revisões paradigmáticas mais importantes e nasceu irmã das proposições transdisciplinares mais recentes. A situação gnoseológica avançada faz da Etnocenologia um campo especial para os estudos da cultura e da psicofísica. O ator e sua ação podem ser tratados em sua integralidade. Bião (2009) oferece 4 noções moles para diferenciar objetos em Etnocenologia. Seriam objetos substantivos as 'artes do espetáculo', adjetivos os 'ritos espetaculares' e adverbiais as 'formas cotidianas' da cena humana. O objeto infinitivo é o próprio conhecimento *da* e *na* cena. Escolhemos esse, que trata da gnoseologia etnocenológica. As sabedorias *no* ator e *sobre* ele são questionadas em sua origem natural e aqui estão ancoradas na ação psicofísica.

A ação psicofísica do ator é criação, manutenção e apresentação de material cênico por meio do desempenho do corpo vivo em ação. Enquanto (quase sempre) o músico trata da fisicalidade **som** e o pintor da fisicalidade **tinta**, o ator modela a fisicalidade **corpo**, ou melhor, **psicorpo**. Essa fisicalidade, como todas as outras, é acional, está em ação, interferência e transformação no mundo físico. Considerando a ação psicofísica como constituída em parte ou “apoiada por uma rede semântica” (BONFITTO,2006), questiono o acionamento humano em diferenciação a todos os outros tipos de **ação física** animada (biológicas) e inanimada (químicas e físicas). Uma estrela *nasce, explode*, os elementos químicos *combinam-se, repelem*, os hormônios *sinalizam, marcam*, os animais e plantas *competem, morrem*, assim como os humanos também *agem*. O que marca e configura a diferença de constituição e interação entre as ações antrópicas e todas as outras verificadas no Universo?

A questão psicofísica começa nos primeiros grupos humanos, que já concebiam a independência de uma “alma” em relação ao corpo e chega ao século XXI desenvolvida em duas correntes. O monismo investe em uma concepção unificadora da relação mente-corpo e o dualismo insiste numa diferenciação categórica entre as duas realidades. Há ainda o pluralismo de Popper que propõe a emergência de um mundo subjetivo dentro do mundo físico (mundo 1) e de um terceiro mundo, o simbólico, surgido entre os sujeitos

(mundo 2).



## Emergência

Apenas matéria-energia e espaço-tempo emergem do Big Bang. Não há qualquer fenômeno químico, vivo e cultural.

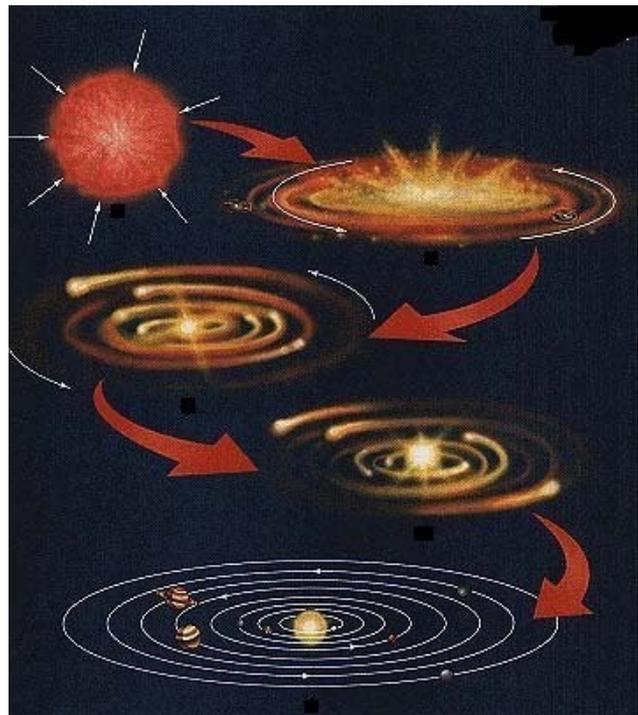
---

Com o resfriamento e estabilização do Universo, formam-se os núcleos atômicos e elétrons passam a orbitá-los, formando os elementos químicos Hidrogênio, Hélio, Lítio e Berílio. O acúmulo deles na forma de gás dá origem às Nebulosas.

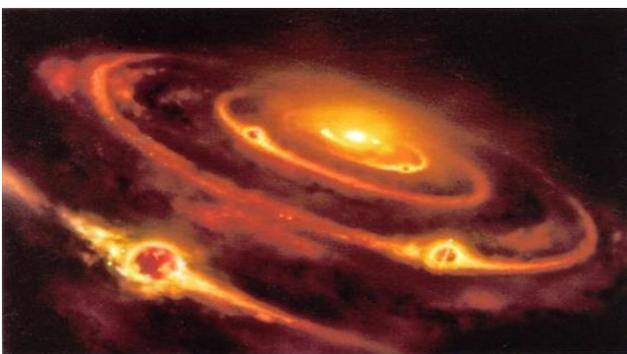


"Pilares da Criação", da Nebulosa de Águia

Dentro dessas imensas nuvens, a presença desses elementos fica espalhada pelo espaço, havendo lugares em que a concentração é suficiente para formar nuvens menores que giram até formar uma grande bola de Hidrogênio, que ascende como estrela. Ao redor dela, os restos girantes da nuvem formam os planetas.



<http://pre-vestibular.arteblog.com.br/56981/ASTRONOMIA-E-EXPLORACAO-ESPACIAL-a-entender-a-formacao-do-Sistema-Solar/>



[http://www.das.inpe.br/ciaa/cd/HTML/sol/4\\_02.htm](http://www.das.inpe.br/ciaa/cd/HTML/sol/4_02.htm)

A emergência do mundo químico continua na morte das estrelas gigantes.

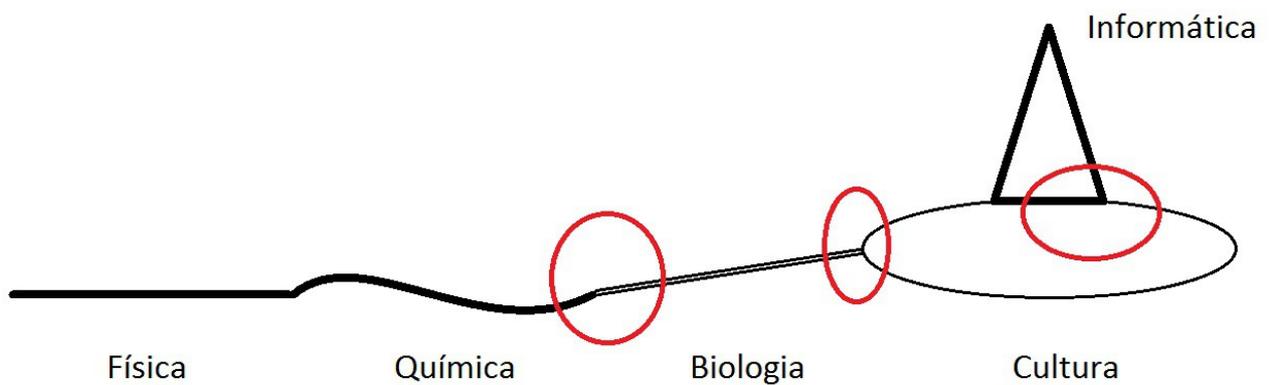
Nas Supernovas o calor da explosão funde os elementos básicos formando outros maiores.



Numa terceira geração de estrelas, surge o Sol e a Terra dentro do seu sistema. Nela, não se sabe como, a vida emerge da realidade química.



Dessa realidade biológica emergem os fenômenos da cultura.



A emergência da vida, da cultura e da informática contém processos de informatização ou codificação de formações, nas quais uma memória codifica aspectos do mundo físico, que passa a determinar parte dos processos naturais: codificação genética pelo DNA na vida e memética na objetivação<sup>1</sup> para a cultura. Na história do psicorpo<sup>2</sup> encontramos a realidade cultural de onde ele emergiu e retrocedendo mais, temos o mundo animal como origem do corpo humano, de onde emergiu o comportamento cênico.

“Compreender a complexidade humana implica integrar diversos níveis de funcionamento. Essa noção nos permite escapar da dicotomia mente-corpo (...) a ação biológica humana seria transformada em uma conduta intencional ativa, obrigando-nos a compreendê-la como uma ação simbólica” (CANDIDO, 2002)

Para tratar integralmente do hominídeo do qual emergimos, precisaríamos considerar as camadas primata, mamífera, reptiliana e píscea, além das etapas microscópicas que antecederam-nas. Tudo isso dentro do contexto biológico. Para abordar a realidade não animada do corpo, consideraríamos os fatores gravitacionais, cinéticos, termodinâmicos e eletromagnéticos. Cada uma dessas camadas de realidade constituem a ação psicofísica do ator, que não emerge como soma dessas partes, mas como nova realidade. Da mesma forma em que o mundo químico é repleto de novas propriedades e que a vida inaugura circunstâncias particulares não encontradas nos níveis anteriores, da cultura também emergem fenômenos originais.

## Gnoseologia

São notáveis uma continuidade fenomênica e uma integração profunda nos diferentes níveis da realidade, cada qual surgindo do mundo anterior e podendo afetá-lo e também interagir com os próximos. Observa-se também uma clara continuidade epistemológica entre física, química e biologia, que tratam dos três primeiros níveis e percebe-se uma **lacuna disciplinar** a partir daí. A matemática e a informática, por exemplo, estão fora das “ciências naturais”, assim como os estudos da cultura. Não seriam também fenômenos naturais? A ação antrópica ou *artificial* não é também um evento *natural*? A alteração da atmosfera pela tecnologia humana não seria parte da natureza<sup>3</sup>? Por que e como o acontecimento humano deixaria de ser um evento natural? Há algum tipo de descontinuidade em cada emergência? Axel Kahn pensa “que há uma

---

<sup>1</sup> Meme entendido como unidade de memória e codificação em linguagem abstrata e objetiva ou que descreve WAIZBORT, Ricardo com: *Seres da Cultura, habitantes do Mundo 3: Popper, Gadamer e os Memes - Explicação e compreensão nas ciências naturais e sociais*, in Episteme, Porto Alegre, n. 22, p. 19-52, 2005  
Trato disso: [Perguntas para Memética como hipótese evolucionista para a cultura](#)

<sup>2</sup> Para Morin, a mente emerge da realidade cerebral e retroage nela, passando a condição humana dos domínios de uma linguagem eléto-química para a linguagem das representações. (MORIN, 1990)

<sup>3</sup> O filósofo Slavoj Žižek alega que a ação humana é fenômeno natural. Veja entrevista no Roda Viva:  
<http://www.youtube.com/watch?v=c2IL96-ixC0>

descontinuidade no ser vivo e uma descontinuidade na consciência. Já Albert Jacquard diz que não há. Segundo ele, a vida não se sabe o que é, mas a matéria etc... (...) Na consciência, as coisas são para mim um pouco mais complicadas.”<sup>4</sup>

O que importa e é novo na propriedade emergente não é o somatório ou acumulação simples de estágios anteriores. Toda uma realidade emerge na natureza. Não faz sentido desenvolver ciência química usando apenas leis da física. Também a biologia explora diretamente a realidade física quando trata do metabolismo animal, mas seu foco não está na termodinâmica ou na entalpia. Há propriedades novas, talvez mais complexas, que pedem novas formulações conceituais. Não seria diferente nos estudos da cultura. A emergência anterior, o mundo vivo da realidade química, também não é bem conhecida. Para além das discussões sobre epistemologia das ciências sociais o conhecimento do/no ator não limita-se no que pede e possibilita a ciência. Por outro lado, por que a arte não poderia ser também tomada como objeto científico?

Uma gnoseologia do ator pode começar na diferenciação entre o conhecimento sobre a arte *nela* (ZAMBONI, 1998). A validação de formas diferentes de conhecimento tem legitimação crescente na academia e na sociedade. O tratamento do objeto infinitivo da Etnocenologia já pode extrapolar o conhecimento científico. Uma Etnocenologia Transgnóstica pode ir além da transdisciplinaridade estudando conteúdos não disciplinados. O etnocenólogo prático e teórico pode explorar imagens criadas em todas as áreas de conhecimentos, usando-as artística ou cientificamente. Junto ao conhecimento etnocenológico extra-científico é possível avançar nas discussões epistemológicas em etnologia, por exemplo. Uma cenologia pode tratar cientificamente da cena, porém, considerando a diversidade de sapiências, não ficamos bem atendidos se temos apenas o cientificismo como parâmetro gnoseológico.

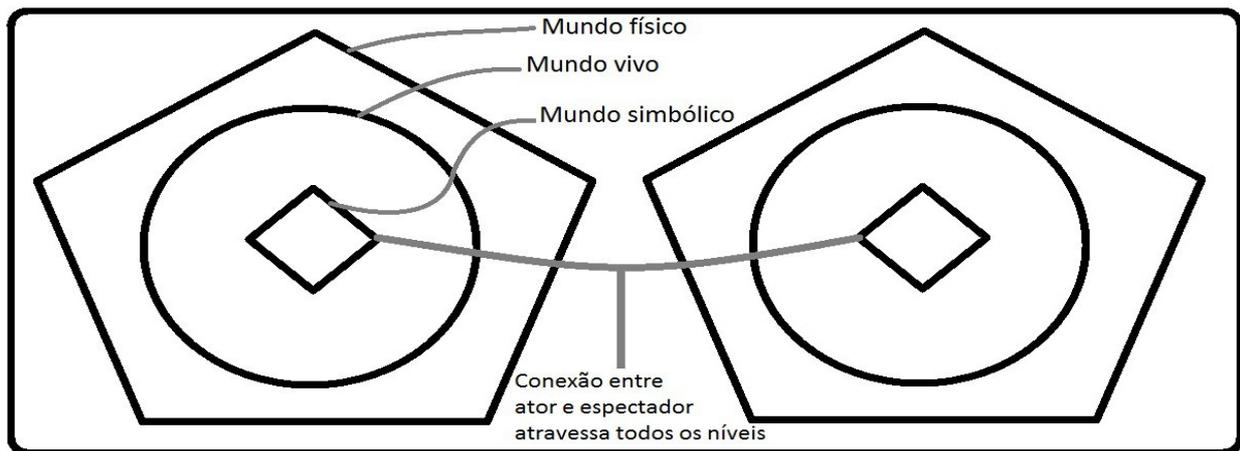
## Religare

Nessa cadeia, a ação psicofísica acontece com o último estágio de desenvolvimento conhecido: a psique humana. Somos “o Universo consciente de si”. Simbólica e sociocultural, uma nova forma de linguagem captura a subjetividade que surgiu animalmente no mundo físico. Tal propriedade emerge na luta pela vida. Axel Kahn observa:

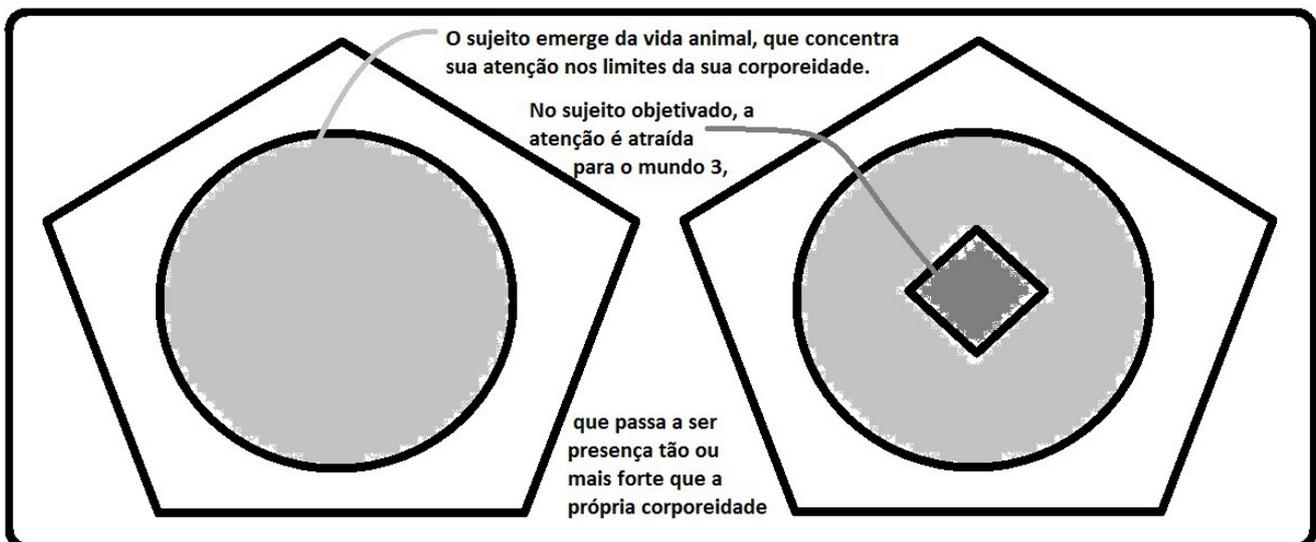
<sup>1</sup> “No começo, porém, não há cultura. (...)as capacidades cognitivas potenciais do homem, que lhe permitem fabricar os primeiros instrumentos, por exemplo,(...)correspondem, evidentemente, a uma vantagem seletiva. (...) A partir de 70 mil anos, com o aparecimento da arte, por exemplo, para aumentar suas capacidades cognitivas, que lhe permitiram produzir mais cultura, que retroagiram positivamente sobre suas capacidades cognitivas. (...) o único animal que conheceu essa ruptura (...) é o homem.’

---

<sup>4</sup> Entrevista de Axel Kahn: <https://www.ufmg.br/diversa/4/entrevista.htm>



Quando o animal desenvolve a cultura, parte de sua subjetividade e/ou parte importante da energia e atenção cerebrais são capturadas para o mundo simbólico. A nomeação do mundo começa com a objetivação do eu. Grande porção da realidade passa a ser abstrata, começando pela própria percepção de si. A codificação abstrata não emerge como simples ferramenta, ela altera profundamente o sujeito, que percebe-se menos imediatamente na natureza. O mundo simbólico atrai a subjetividade, que acaba mediada em sua conexão com a fisicalidade. Nesse aparente desligamento, o humano percebe-se à parte, partido do resto da natureza. Essa separação ilusória deixa o humano aparentemente constituído por duas realidades.



Para tratar da angústia e das novas propriedades emergidas nessa desintegração, o humano desenvolve a magia, sabedoria raiz comum da arte, ciência, religião e filosofia. Ainda hoje, o ator é Xamã (ICLE, 1900), é um tratador da relação entre o mundo simbólico e a fisicorporeidade. A ação do ator é uma prova da integralidade psicofísica do ser humano. Sua performance evidencia todas as camadas da realidade como uma única

presença. O cênico humano revela-se como animalidade social. Sua fisicalidade, subjetividade e conteúdos abstratos próprios e alheios estão reunidos na ação psicofísica. O ator tem a propriedade de estabelecer o 'religare', promessa da religião que ele cumpre com arte. Jorge das Graças Veloso (2009) fala de um homo religiosus, que anseia pelo “estar junto” estabelecido nas práticas performáticas dos objetos adjetivos e substantivos da etnocenologia. Quando o ator atinge em cheio o espectador, ocorre uma conexão direta entre eles, tornando irrelevante qualquer aparente abismo entre as pessoas e seus corpos.

BIÃO, Armindo; Um trajeto: muitos projetos. In: BIÃO, Armindo (Org.) Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos, Salvador: P & A, 2009

BONFITTO, Matteo; Do Texto ao Contexto, em Revista Humanidades. Brasília: Universidade de Brasília, 2006 pagina 47

CANDIDO, Carla Laino; PIQUEIRA, José Roberto Castilho. Auto-organização psíquica. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 15, n. 3, 2002

ICLE, Gilberto. O ator como xamã: configurações da consciência no sujeito extracotidiano. São Paulo: Perspectiva, 2006

MORIN, E. O problema epistemológico da complexidade. Lisboa: Biblioteca Universitária, Publicações Europa-América 1990

VELOSO, Jorge das Graças. **A visita do Divino**: voto folia festa espetáculo. Brasília, Thesaurus Editora, 2009

ZAMBONI, Sílvio. A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência. São Paulo: Autores Associados, 1998